

Carolina Drumond Porto Carreiro Caldas

LAZER NA INFÂNCIA:

problematizando os espaços da comunidade Vila Sumaré - MG

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2013

Carolina Drumond Porto Carreiro Caldas

LAZER NA INFÂNCIA:

problematizando os espaços da comunidade Vila Sumaré - MG

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva
Co-orientadora: Prof. Ms. Priscila Augusta Ferreira Campos

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por estar concluindo uma etapa importante da minha vida com determinação, persistência e pontualidade. À minha família, por compreender os últimos meses e o estresse acumulado por conta desse trabalho. Fundamentalmente, agradeço ao Programa de Educação Tutorial (PET) . Educação Física e Lazer e todos os petianos e agregados que por lá passaram, um grupo que marcou a minha graduação e, conseqüentemente, a minha vida. Um agradecimento especial aos meus dois orientadores desse processo acadêmico: Silvio e Pri. Agradeço também ao meu namorado, Gustavo, que esteve na mesma situação que a minha e conjuntamente conseguiu me apoiar nesse processo. Por último e não menos importante, agradeço aos representantes da Comunidade Vila Sumaré - MG, Fernando, Bida e Tita, por terem me acompanhado ao longo de três meses nas visitas de campo e serem tão companheiros e engajados com o que fazem. Esse trabalho deu trabalho, mas valeu muito a pena!

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo geral conhecer e analisar a utilização dos espaços da Comunidade Vila Sumaré, localizada em Belo Horizonte . MG, feita pelas crianças em seus momentos de lazer e como objetivos específicos verificar os espaços existentes na comunidade que podem ser utilizados pelas crianças em seus momentos de lazer; refletir sobre os usos que as crianças fazem desses espaços e problematizar os espaços existentes e sua relação com as políticas sociais estabelecidas na comunidade. Para tal, baseado em Tschoke (2010), realizou-se uma investigação social. Assim, foi feita uma pesquisa de campo, de caráter descritivo, que buscou observar, registrar e analisar os espaços e as ações realizadas nos mesmos pelas crianças da comunidade. Os instrumentos metodológicos utilizados foram: 1) aplicação do protocolo de análise descritiva nos espaços públicos de lazer da região analisada; 2) Quatro entrevistas semiestruturadas com lideranças locais e duas entrevistas semiestruturadas com dois representantes da Prefeitura de BH; 3) anotações em um caderno de registros sobre conversas e reflexões importantes realizadas ao longo do trabalho de campo. Para a análise de dados, utilizou-se a análise descritiva dos dados, permitida através da triangulação dos dados coletados. Por fim, considerando que esse trabalho tem como foco uma comunidade de baixa renda da cidade de BH, há de se considerar a sua possível influência no que diz respeito à realização de políticas públicas de lazer em áreas de alto risco social, assim como sua contribuição em relação ao desenvolvimento reflexivo da comunidade sobre o lazer e sua utilização.

Palavras-chave: Lazer. Espaços. Crianças e periferia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

Objetivo Geral

Objetivos Específicos

Justificativa

Metodologia

2 LAZER, ESPAÇOS E PERIFERIA: NO ÂMBITO DA INFÂNCIA

3 COMUNIDADE VILA SUMARÉ É MG: LIMITES E POSSIBILIDADES

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Referências

Anexo I

Anexo II

Anexo III

Anexo IV

1 INTRODUÇÃO

“A aparência de uma cidade e o modo como os seus espaços se organizam formam uma base material a partir da qual é possível pensar, avaliar e realizar uma gama de possíveis sensações e práticas sociais” (David Harvey, 1992, 69 apud Junior, 1995, 11).

Quais espaços de lazer da cidade estão sendo utilizados pelas crianças na atualidade e como se dá essa utilização? Essa pergunta sempre me intrigou, pelo fato de que a utilização de espaços de lazer em uma cidade pode se diferir, a partir do perfil socioeconômico dos indivíduos, assim como de um perfil espacial das regiões da cidade. Dessa forma, em uma mesma cidade, crianças de uma mesma idade podem utilizar diferentes espaços em seus momentos de lazer e esse fato contribui, significativamente, para a compreensão que podemos ter sobre essas crianças ou a compreensão que elas mesmas podem vir a ter sobre si e/ou do espaço.

Desde que entrei para a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em agosto de 2009, para cursar Educação Física, deparei-me com algumas disciplinas no início do curso que me levaram a refletir, mesmo que indiretamente, esse assunto. Disciplinas como *“História da Educação Física”, “Sociologia da educação”, “Logos, brinquedos e brincadeiras” e “Filosofia”,* presentes no primeiro e no segundo período do curso, permitiram-me problematizar, com grande interesse, questões referentes à educação de crianças, adolescentes e jovens e a influência dos aspectos socioculturais na mesma. Ao final do segundo período do curso fiz uma prova de inserção no Programa de Educação Tutorial (PET) . Educação Física e Lazer¹ e passei. Entrei no grupo no início do terceiro período e comecei a estudar, de forma mais aprofundada, o lazer e sua relação com a sociedade.

Através dos projetos de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidos dentro do grupo, tais como: organização de palestras sobre o lazer, realização de intervenções na área do lazer e desenvolvimento de trabalhos sobre as intervenções e os estudos

¹ A partir desse momento o Programa de Educação Tutorial (PET) . Educação Física e Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais, será chamado de PET, apenas.

na área, foi possível ampliar os meus conhecimentos a respeito da influência dos momentos de lazer no cotidiano de crianças, adolescentes e jovens, assim como vivenciar a teoria lida e estudada nas práticas desenvolvidas. O projeto de extensão de maior impacto na minha formação, desenvolvido dentro do PET, foi a Colônia de Férias no Campus da UFMG, realizada semestralmente e voltada para filhos de funcionários, servidores, professores e alunos da UFMG, de seis a treze anos de idade. A experiência que tive nas edições da colônia que participei como animadora cultural e organizadora do projeto foi fundamental para o meu empenho em realizar essa pesquisa.

Tendo em vista que a universidade é o local de aprofundamento teórico e prático, assim como de produção de conhecimentos, torna-se de suma importância estabelecer essa relação entre o que pesquiso hoje e o que vivenciei ao longo do meu curso de formação. No entanto, existem outros aspectos que me levaram e estão me levando a ser o que sou e a pesquisar o que pesquiso hoje. Eles têm relação direta com os espaços de lazer que foram apropriados ao longo da minha infância, adolescência e juventude e essa apropriação é fruto do local onde morei.

Morei em uma pequena cidade no sul da Bahia até os meus 15 (quinze) anos. A cidade chama-se Itabatan e é distrito do município Mucuri. Em Itabatan, a brincadeira sempre foi marcante em meus momentos de lazer e o espaço mais utilizado para a sua realização foi a rua, considerada um equipamento não específico de lazer. Hoje, morando em Belo Horizonte . MG, metrópole nacional, vejo-me frente a uma contradição, devido ao fato de que a rua tem se caracterizado como o local de não permanência de pessoas. Os apartamentos, casas e espaços fechados, vistos por mim como gaiolas, têm limitado as pessoas e as suas vivências socioculturais, na medida em que as mesmas reduzem as suas experiências de se apropriar de outros espaços, que permitem o encontro com o outro e com o diferente. Além disso, a forte presença da indústria cultural de consumo tem influenciado as vivências dos indivíduos.

Para Melo (2003), quando os espaços da cidade oferecem poucas opções e estímulos de desenvolvimento cultural, fortes instrumentos de ocupação do tempo livre das pessoas acabam sendo os equipamentos domésticos, tais como a televisão e o computador. Com isso, os espaços públicos da cidade, como praças e parques,

demandam investimento do poder público em diversos aspectos, tais como: manutenção, segurança, animação e apropriação. Afinal, como apontado por Monteiro (2009), os equipamentos e espaços de lazer da cidade não podem ser entendidos por eles mesmos+ (MONTEIRO, 2009, p 100). Sua precariedade ou má distribuição são frutos da carência de investimentos por parte do Estado.

A partir dessas reflexões, outra pergunta vem à tona: Quais são as possibilidades de utilização de espaços de e para o lazer pelas crianças das camadas populares? A desigualdade social é fato na sociedade brasileira, influenciando diretamente no acesso aos equipamentos e às vivências de lazer. Democratizar o lazer implica em democratizar o espaço+ (MARCELLINO *et al.*, 2007, p.16). O crescimento populacional não foi acompanhado por um desenvolvimento de infraestrutura adequado e isso gerou grandes diferenciações na ocupação dos territórios. Atualmente, têm-se as áreas centrais ou os locais nobres, concentradores de riquezas, e as áreas periféricas, carentes de investimentos sociais, que se caracterizam como guetos e/ou comunidades com inúmeras habitações desordenadas em situações de risco social.

Assim, como delimitação desse estudo, escolhi a comunidade Vila Sumaré, localizada na região noroeste de Belo Horizonte, a qual se encontra em condição de alto risco social, para desenvolver os meus questionamentos e a minha pesquisa. A escolha de uma comunidade de baixa renda ocorreu no sentido de verificar o quanto essa condição social impacta nas vivências de lazer e na utilização dos respectivos espaços.

A Comunidade Vila Sumaré se localiza na região Noroeste de Belo Horizonte e fica ao lado do Campus Pampulha da UFMG, sendo esse um dos motivos pelo qual selecionei a mesma para a realização da pesquisa. De acordo com dados encontrados no site da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte², a comunidade se formou no ano de 1960, década em que houve o crescimento populacional em Belo Horizonte, assim como o processo de urbanização brasileira.

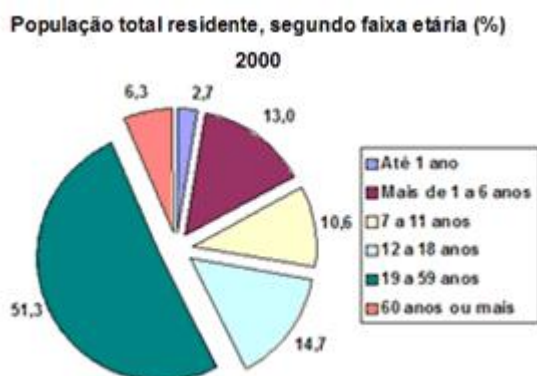
Conforme a análise de Santos (1994, p. 9)

² www.pbh.gov.br

Depois de ser litorânea (antes e mesmo depois da mecanização do território), a urbanização brasileira se tornou praticamente generalizada a partir do terceiro terço do século XX, evolução quase contemporânea da fase atual de macrourbanização e metropolização. O turbilhão demográfico e a terceirização são fatos notáveis. A urbanização se avoluma e a residência dos trabalhadores agrícolas é cada vez mais urbana.

Os dados mais recentes encontrados no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística³ foram coletados no ano de 2000. A partir dos mesmos, foi possível identificar que a comunidade já conquistou esgotamento sanitário, abastecimento de água e coleta de lixos e que a sua população é, em sua maioria, infantil e jovem. Sua área é de 87.381 m², possui 359 domicílios e uma população residente total de 1508 pessoas, conforme índice demográfico abaixo.

População Residente segundo Faixa Etária



Fonte: Site IBGE

A taxa de alfabetização é de 84,4% das pessoas acima de cinco anos de idade, o esgotamento sanitário é de 93% ligados à rede geral de esgoto ou pluvial, o abastecimento de água é de 99,5% abastecidos através de rede geral e a coleta de lixos é de 99,9% coletados por serviço de limpeza. Como já se passaram treze anos que a pesquisa foi realizada, enxerguei a necessidade de buscar de outras formas dados mais atualizados. Através de conversas com os representantes da Vila Sumaré, descobri que a comunidade, atualmente, apresenta uma média de 7000

³ www.ibge.gov.br

habitantes. Ou seja, houve um aumento muito grande em sua população e também em sua área.

Com o desenvolvimento da pesquisa, será possível estabelecer uma relação entre o momento de lazer das crianças da comunidade, os espaços utilizados nesse momento e a condição socioeconômica das mesmas. O lazer pode ser considerado uma categoria em permanente construção, pois o seu surgimento apresenta-se como um aspecto repleto de dúvidas e polêmicas entre os estudiosos do tema. No entanto, apesar de haver contradições entre alguns autores, torna-se possível definir o lazer na contemporaneidade, levando em consideração os seus principais limites e possibilidades.

Sem desconsiderar a história da sociedade, Dumazedier (1980) defendeu que o lazer possui características específicas da civilização construída a partir da Revolução Industrial. Com isso, considerando a dicotomia entre lazer e trabalho, Dumazedier (1973, p 34) conceitua o lazer como um

conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações familiares, profissionais e sociais.

A partir dessa definição, fica evidente o fato de o lazer ter um caráter de não obrigatoriedade. No entanto, esse conceito foi estudado e outros autores da contemporaneidade redimensionaram o mesmo, a fim de tornar o conceito de lazer mais claro e abrangente. É importante ressaltar, de acordo com Requixa (1969), que o interesse pela temática lazer teve intensa relação com o processo de desenvolvimento e urbanização da população brasileira e com a necessária atenção do Estado para a formulação de políticas para o lazer.

Sendo assim, Marcellino (1987, p.31) busca superar o lazer como simples conjunto de ocupações+tratando-o como cultura. A partir da sua definição, torna-se possível ampliar a ideia de lazer, tendo em vista que a fruição também compõe a sua vivência. Ou seja, o lazer e o ócio não se contrapõem e o ócio passa a fazer parte do tempo disponível para o lazer. O autor propõe o conceito de lazer como sendo

[...] a cultura . compreendida no seu sentido mais amplo . vivenciada [praticada ou fruída] no tempo livre+. O importante, como traço definidor, é o caráter desinteressado+ dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A disponibilidade de tempo+significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa.

Entendo o lazer, com base nas colocações de Dumazedier (1980) e Marcellino (1987), como um tempo-espaco disponível das obrigações diárias, sejam elas as obrigações formais (como a escola e o trabalho) ou as obrigações não formais (domésticas e familiares). Esse tempo-espaco pode ser vivenciado de diferentes maneiras e depende de muitos fatores, tais como: faixa etária, condição socioeconômica, contexto familiar-político-social, dentre outros. Dessa maneira, ao se pensar o momento de lazer das crianças da comunidade Vila Sumaré, deve-se pensar no momento em que elas não estão no período escolar nem cumprindo obrigações diárias em casa, tais como: tarefas escolares e tarefas domésticas.

Esse momento ou espaco de lazer, concordando com Gomes (2008), deve ser considerado uma dimensão cultural construída socialmente a partir de quatro elementos inter-relacionados: tempo, espaco-lugar, manifestações culturais e ações (ou atitudes). Os quatro elementos citados são fundamentais para a consolidação do lazer. Ao analisar os espacos físicos da Comunidade Vila Sumaré, o elemento espaco-lugar+ torna-se o principal foco da minha pesquisa, à medida que esse espaco-lugar vai além do espaco físico por ser um local+ do qual os sujeitos se apropriam no sentido de transformá-lo em ponto de encontro (consigo, com o outro e com o mundo) e de convívio social para o lazer+(GOMES, 2008, p 126).

Sendo assim e com base nas ideias de Gomes (2004), o lazer pode contribuir para o desmascaramento das contradições sociais, representando uma possibilidade de questionamento e resistência à ordem social injusta e excludente que predomina em nosso meio. Sabe-se que o acesso ao lazer ainda é restrito nas cidades, principalmente quando consideramos comunidades de baixa renda. Se o lazer é um direito social e está previsto na Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), o Estado tem a obrigação de promover, diretamente ou meio à promoção, políticas sociais em prol desse direito para todos os cidadãos. Dentro dessas políticas sociais,

a criação de espaços físicos adequados para a vivência dos conteúdos culturais⁴ do lazer torna-se fundamental e a manutenção dos mesmos de forma conjunta com as comunidades representa um grande desafio.

É a partir desse pensamento que desenvolvi a minha pesquisa e busquei encontrar reflexões críticas em relação ao lazer e à utilização dos espaços para a vivência dos seus conteúdos culturais. Ou seja, em quais espaços as crianças da comunidade estão vivenciando seus momentos de lazer? Será que os espaços utilizados foram pensados para a vivência desses momentos ou a utilização do espaço o transformou em um espaço de lazer? Enfim, inúmeras perguntas podem surgir ao longo do trabalho, tendo em vista que haverá o encontro com sujeitos e espaços históricos, ou seja, haverá a possibilidade de diálogo, troca, observações e subjetividades.

Objetivo Geral: Conhecer e analisar a utilização dos espaços da Comunidade Vila Sumaré feita pelas crianças em seus momentos de lazer.

Objetivos específicos:

- Verificar os espaços existentes na Comunidade Vila Sumaré que podem ser utilizados pelas crianças em seus momentos de lazer;
- Refletir sobre os usos que as crianças fazem desses espaços;
- Problematizar os espaços existentes e sua relação com as políticas sociais estabelecidas na comunidade.

Justificativa:

⁴ O lazer, segundo Dumazedier (1980), apresenta conteúdos ou interesses culturais que se diferem e são necessários para o desenvolvimento cultural, são esses: artístico, manual, intelectual, social, físico-esportivo e turístico.

O presente estudo é fruto de um percurso acadêmico que instigou a busca pela compreensão de aspectos sociais e econômicos presentes nas grandes cidades e a sua relação com o lazer na infância. Muito tem se falado sobre o crescimento das cidades e a influência da indústria cultural na definição dos modos de vida atuais no Brasil. Como é possível observar, à medida que a cidade cresce aumenta-se a marginalização e a violência e, por consequência, há maior demanda de iniciativas públicas referentes ao direito social dos cidadãos.

De acordo com Adorno (2002, p 112):

Não há como deixar de reconhecer relações entre a persistência, na sociedade brasileira, da concentração da riqueza, da concentração de precária qualidade de vida coletiva nos chamados bairros periféricos das grandes cidades e a explosão da violência fatal. Mapas da violência, realizados para algumas capitais brasileiras na década passada, indicavam que as taxas de homicídios eram sempre e flagrantemente mais elevadas nessas áreas do que nos bairros que compõem o cinturão urbano melhor atendido por infraestrutura urbana, por oferta de postos de trabalho, por serviços de lazer e cultura.

O lazer, enquanto direito social presente na Constituição de 1988, representa um importante tempo de formação cultural para os cidadãos. Dessa maneira, o investimento do poder público em políticas de lazer torna-se de suma importância e a manutenção de espaços e equipamentos específicos para o mesmo nas cidades é um desafio.

Alguns autores, como Victor Melo, Christiane Gomes, Cleber Dias, Mônica Monteiro, Néelson Carvalho Marcellino, Sérgio Martins e vários outros, nas últimas décadas, têm demonstrado interesse em discutir as formas de apropriação dos espaços e equipamentos de lazer e alguns trabalhos em relação a essa temática já foram publicados. Tendo em vista esse fato, torna-se possível que esse estudo contribua para novas pesquisas na área e possibilite a geração de teorias que possam ser aplicáveis a outros estudos. Santos (1997, p.58) aponta que a teorização depende de um esforço de generalização e de um esforço de individualização. A generalização nos dá a listagem das possibilidades; a individualização nos indica como, em cada lugar, algumas dessas possibilidades se combinam.

Por fim, considerando que esse trabalho tem como foco uma comunidade de baixa renda da cidade de Belo Horizonte, há de se considerar a sua possível

influência no que diz respeito à realização de políticas públicas de lazer em áreas de alto risco social, assim como a sua possível contribuição em relação ao desenvolvimento reflexivo da comunidade sobre o lazer e sua utilização.

Metodologia

O presente estudo é de caráter qualitativo e, baseado em Tschoke (2010), caracteriza-se como uma investigação social, que considera o sujeito do estudo como pertencente a determinado grupo social ou classe, com suas crenças, valores e significados. Para a sua realização, foi feita uma pesquisa de campo, de caráter descritivo, a qual buscou observar, registrar e analisar os espaços e as ações realizadas nos mesmos pelas crianças da comunidade.

Os instrumentos utilizados para a coleta de informação foram: 1) aplicação do protocolo de análise descritiva nos espaços públicos de lazer da região analisada, o qual foi baseado no trabalho de Tschoke (2010); 2) Quatro entrevistas semiestruturadas com lideranças locais e duas entrevistas semiestruturadas com dois representantes da Regional Noroeste da Prefeitura de Belo Horizonte, as quais também foram baseadas no trabalho de Tschoke (2010) e 3) anotações em um caderno de registros sobre conversas e reflexões importantes realizadas ao longo do trabalho de campo.

Os entrevistados foram selecionados a partir de duas visitas de campo realizadas na Comunidade Vila Sumaré, nas quais foi possível estabelecer contatos iniciais com sujeitos que lideram a comunidade, realizam projetos sociais ou lidam diariamente com as crianças. Cada sujeito selecionado contribuiu para a pesquisa de uma maneira diferente, pois a relação entre o sujeito e a comunidade se diferencia a partir da função social do mesmo. Os quatro líderes comunitários entrevistados foram: 1) O presidente da Associação de Moradores da Vila Sumaré, o qual tem conhecimento dos projetos já conquistados pela comunidade, assim como das demandas da mesma em relação ao lazer das crianças; 2) O coordenador da Creche Vila Sumaré, o qual tem grande envolvimento político e social com os projetos sociais da comunidade em relação às crianças; 3) O diretor de relações juvenis da Associação de Moradores da Vila Sumaré, o qual tem conhecimento

sobre os espaços e sua utilização pelas crianças da comunidade e 4) O diretor da Escola Estadual Princesa Isabel, o qual lida diariamente com as crianças da comunidade e tem buscado a realização de projetos de lazer através da escola.

Dois representantes da Prefeitura de Belo Horizonte foram entrevistados: o coordenador da Regional Noroeste, o qual tem conhecimento sobre as ações sociais realizadas dentro da comunidade e o coordenador do Orçamento Participativo de BH, o qual lida com o processo de concepção e planejamento dos espaços até o processo de implementação dos mesmos.

As entrevistas realizadas foram gravadas por meio de um gravador de áudio e transcritas manualmente. As transcrições das mesmas serão utilizadas nas discussões teóricas e procurarão dialogar com as literaturas investigadas a respeito da temática do trabalho. Com isso, segundo França (2007, p. 44)

Nesse tipo de pesquisa não se visa generalizações, mas sim descrições ricas e detalhadas da realidade. Desta forma, não se trabalha com um número grande de sujeitos, mas sim com participantes que possam oferecer informações para dar conta da problemática inicial com o maior grau de profundidade e confiabilidade possível.

Para a análise de dados, utilizou-se a análise descritiva dos dados, permitida através da triangulação dos dados coletados (observação do campo, entrevistas e protocolo de análise do espaço).

Com isso, através das observações realizadas no caderno de campo, dos protocolos de observação dos espaços preenchidos e das transcrições das entrevistas realizadas, foi possível compreender mensagens, falas e reflexões, dialogar com autores da área de estudo tratada e realizar algumas conclusões.

2 LAZER, ESPAÇOS E PERIFERIA: NO ÂMBITO DA INFÂNCIA

No Brasil e, principalmente, nas grandes cidades, tem-se aumentado o investimento do poder público em projetos e ações sociais que tem como objetivo suprir carências básicas específicas de comunidades periféricas. Segundo Melo (2009), esse quadro tem relação com o aperfeiçoamento dos mecanismos democráticos em nosso país, mesmo que ainda devemos trilhar um caminho longo para consolidar a real democracia.

Os direitos sociais que estão presentes na Constituição Federal de 1988 direcionam as políticas do governo em prol da democracia social. No entanto, o país apresenta diversos problemas sociais e, conseqüentemente, demandas por qualificação dos trabalhos desenvolvidos. As carências são visíveis e facilmente identificadas, porém as políticas sociais ainda precisam de qualificação, eficiência e desenvolvimento processual, no sentido de promover uma continuidade e não apenas ações imediatas e pontuais, que apresentam objetivos vagos e instantâneos.

Melo (2009, p 31) alerta que

o discurso de promoção da inclusão social é observável em praticamente todos os projetos de esporte e lazer(...) Contudo, devemos nos perguntar: o que tem se chamado de inclusão social quando tal conceito é apresentado?

O desenvolvimento da sociedade requer investimento permanente nas suas variadas instâncias, de forma que cada investimento permita construções por parte dos sujeitos envolvidos no mesmo. A sociedade é formada por um coletivo e é coletivamente que ela consegue se desenvolver. Tendo como base esse pensamento, torna-se possível refletir sobre um dos direitos presentes na constituição, o qual fica em evidência principalmente no tempo livre dos sujeitos: o lazer.

Esse direito social vem sendo discutido há anos e algumas aproximações do mesmo com os espaços da cidade e, especificamente, com as periferias urbanas, permite-nos problematizar o acesso que os sujeitos tem tido às vivências socioculturais no âmbito do lazer. Especialmente aqui, serão levadas em consideração as crianças, sujeitos em processo de constituição de identidade, as quais vivenciam suas práticas culturais em diferentes espaços, de acordo com sua condição socioeconômica. Para tal, deve-se considerar que ~~as~~ as crianças são atores

sociais, reconhecidas em sua capacidade de produção simbólica e de diálogo com diferentes instituições sociais contextualizadas no contemporâneo+ (DEBORTOLI, MARTINS e MARTINS, 2008, p 7).

Para a sobrevivência do homem se fazem necessários alguns elementos básicos, tais como água, alimentação e ar. Muitas vezes, porém, nos esquecemos de um elemento sem o qual o homem não é capaz de viver: o espaço+ (Santini, 1993, p. 34). Seguindo os pensamentos de Muller (2002), o espaço pode ser considerado um sentimento complexo. É uma exigência para a sobrevivência de qualquer ser e, especificamente para o homem, é fundamental para seu bem-estar psicológico, além de ser uma necessidade social. Afinal, é nele que são concretizadas as relações entre as pessoas e é o mesmo que possibilita a vivência de distintas ações socioculturais. Sem espaço não há movimentação, não há o encontro nem o desencontro, não há o lazer, não há a experiência.

De acordo com Santini (1993), existem duas formas de compreender os conceitos de espaço e equipamento. A primeira forma seria considerá-los sinônimos, a qual, a meu ver, não é a ideal. A segunda forma sugere uma diferenciação, pois o espaço passa a ser compreendido como o suporte para os equipamentos e os equipamentos como os objetos que organizam o espaço em função de determinadas práticas, atividades e vivências. Levando em consideração essa distinção entre os dois conceitos, torna-se possível concluir que é possível se exercer atividades de lazer sem um equipamento, mas não é possível o lazer sem a existência de um espaço+(MARCELLINO, 2006, p 66).

Há indícios, através de observações no cotidiano social, de que a utilização dos espaços de convivência e de construção lúdica das cidades tem se reduzido, considerando o forte poder da indústria cultural e do entretenimento na sociedade moderna e o processo de urbanização pelo qual vem passando as cidades. Debortoli, Martins e Martins (2008, p 15), afirmam que

Nos dias de hoje, nas metrópoles contemporâneas como a de Belo Horizonte, configura-se uma problemática do espaço. As segregações espaciais evoluíram para fragmentações concebidas e administradas que chegam a implicar verdadeiros territórios, guetos+ auto-referidos, socialmente homogêneos, onde a experiência urbana do encontro fortuito com o diferente torna-se difícil, senão perigosa, configurando o estranhamento. Desde os espaços congestionados pelos signos e símbolos materiais do moderno, como os chamados condomínios fechados, até as

vilas e favelas caracterizadas pela aspereza material, sem nos esquecer dos centros esvaziados de centralidade, de lugares apropriados para a reunião e o encontro, explosão da cidade (para utilizar a metáfora de Henri Lefebvre) transformada em metrópole expõe dramaticamente a negação da vida urbana, a problemática, para reforçar o paradoxo, de uma urbanização desurbanizante.

As casas, apartamentos, espaços privados e escolas têm constituído os locais mais utilizados no dia-a-dia das crianças. Com isso, as experiências lúdicas, coletivas e corporais das mesmas passam por um processo de esvaziamento, havendo a necessidade de investimento do poder público em espaços de lazer que possibilitem o encontro com o outro e a ressignificação das experiências. Da mesma forma, a condição de acesso aos diferentes espaços e equipamentos de lazer é um fator determinante para a ampliação cultural das crianças na atualidade. Afinal, quanto maior o acesso de uma criança a espaços e sujeitos diferentes, maior a sua possibilidade de interação com o mundo.

Na vida cotidiana de Belo Horizonte, parece configurar como problema a (im)possibilidade da experiência no processo de construção social das infâncias+ (DEBORTOLI, MARTINS e MARTINS, 2008, p.16). Evidencia-se uma prescrição restritiva que universaliza as infâncias, ao mesmo tempo em que abandona e isola as crianças, possibilitando que as mesmas se relacionem apenas com seus pares. Isso contribui para a multiplicação de uma infância fragmentada e privatizada que perde, cada vez mais, o sentido do público e das relações sociais, especialmente no espaço da cidade. Sendo assim, nas relações estabelecidas pelas crianças torna-se possível desvendar uma utilização e apropriação dos espaços.

Se considerarmos os fragmentos da sociedade, é possível perceber uma diferenciação entre as vivências socioespaciais das crianças, pois de acordo com cada fragmento existirão diferentes crianças, com distintas histórias e condições socioeconômicas. Além disso, cada fragmento da cidade apresenta características socioespaciais diferentes, de acordo com os investimentos do Estado e do Mercado. Se delimitarmos os fragmentos mais pobres da cidade, conhecidos como as periferias, encontraremos espaços e crianças que se encontram em condição de vulnerabilidade social, pois dependem diretamente do apoio político, financeiro e social do Estado e outras instituições.

De acordo com o Dicionário Aurélio Online⁵ o termo *periferia* indica originalmente a linha que define uma circunferência. Em geral refere-se ao limite de qualquer espaço ou objeto. Tendo como base essa definição, podemos fazer uma relação entre a origem da palavra *periferia* e a sua utilização para definir os locais mais pobres da cidade. Afinal, esses locais pobres encontram-se, majoritariamente, em limites espaciais. Isso justifica o fato de acontecerem, frequentemente, inundações e desmoronamentos nessas áreas, as chamadas áreas de risco.

Outra relação possível diz respeito ao limite social que as periferias urbanas vivenciam dia-a-dia, pois o acesso aos direitos constitucionais é reduzido, quando comparado aos outros bairros. As escolas e instituições educacionais, de saúde e bem-estar público, de lazer e cultura, estão localizadas em regiões de maior concentração de renda. As periferias ficam à margem da sociedade e diretamente dependentes da administração pública.

Como bem denunciado por Marcellino (2006, p.75-76):

As classes sociais média e alta atribuem à cidade a função exclusiva de circulação, já que podem desfrutar de lazer em seus espaços privatizados. No entanto, para as classes mais pobres, a cidade continua com a função de lazer, de morar, de trabalho e de circulação. Mas, como os investimentos em equipamentos de lazer são feitos, na sua grande maioria, pela iniciativa privada, o espaço público passa a possuir equipamentos de péssima qualidade. já que o poder público vem sendo negligente a essa questão.

Tem sido notável uma crescente privatização dos espaços de convivência social em favor das classes mais favorecidas. Assim, o bairro é substituído pelo condomínio fechado, os espaços públicos de lazer pelos clubes e centros de entretenimento, e as ruas, pelos shoppings centers (Bonalume, 2002 apud Marcellino, 2006). O espaço público vem perdendo seu uso multifuncional, deixando de ser local de encontro, de prazer, de lazer, de festa, de circo, de espetáculo. E para que as cidades deixem de possuir somente a função de circulação é necessário (MARCELLINO, 2006, p 76):

[...] implementar uma política de investimento muito clara na retomada da qualidade do espaço da cidade, na retomada da sua multifuncionalidade e beleza, na retomada da ideia de uma cidade que conecte usos, funções e pessoas diferentes, em segurança. Esse modelo não só é urgente para

⁵ www.dicionariodoaurelio.com

quem defende uma posição mais democrática de utilização do espaço público, da vida pública, mas também porque é mais sustentável. (ROLNIK, 2000, p 184 *apud* MARCELLINO, 2006, p.76).

3 COMUNIDADE VILA SUMARÉ-MG: LIMITES E POSSIBILIDADES

A Vila Sumaré está localizada na região noroeste de Belo Horizonte e possui aproximadamente 7000 habitantes. A comunidade fica à margem da Avenida Presidente Carlos Luz, %Catalão+ e do Anel Rodoviário, ambas as avenidas muito movimentadas, com alto grau de circulação de pessoas e veículos. Ao lado da comunidade estão localizados o Shopping Del Rey, um dos shoppings mais freqüentados da cidade, e a empresa Coca-Cola, a qual divide muro com a comunidade. Um pouco mais adiante da Avenida %Catalão+ encontra-se a UFMG. Não é por acaso que a creche Vila Sumaré foi fundada através de um projeto realizado pela UFMG, de acordo com o coordenador da cheche. Segue abaixo um mapa localizando a comunidade e o seu entorno:

Mapa de localização da Vila Sumaré Ë BH/MG



Fonte: Site do Google

Ao longo das visitas de campo realizadas e das entrevistas feitas com os líderes comunitários e representantes da Prefeitura de Belo Horizonte, foi possível conhecer os espaços existentes na comunidade, os usos que as crianças fazem dos mesmos e também as mobilizações políticas que a Associação de Moradores tem feito em prol dos seus direitos sociais. Sendo assim, a partir da triangulação dos dados coletados (protocolo de análise do espaço, entrevistas e observações do

campo), construí um caderno de campo que abrangesse o encontro dessas informações e, de alguma forma, pudesse ser um ponto de partida para a realização de reflexões e conclusões em relação aos objetivos desse trabalho.

Após realizar alguns contatos com a Escola Estadual Princesa Isabel, devido ao fato de ter me relacionado com a mesma para inclusão das crianças da escola na Colônia de Férias no Campus da UFMG (CFC) ao longo dos meses de outubro, novembro e dezembro de 2012, consegui conversar com alguns sujeitos da escola sobre o meu projeto de pesquisa e as minhas demandas em relação ao mesmo. Conversei principalmente com duas pessoas: Ronaldo (diretor da escola) e Rita (subdiretora da escola). No total, devo ter tido seis conversas com os dois. Todas as conversas foram rápidas, mas de grande valia para que eu começasse a refletir sobre a comunidade Vila Sumaré. (Caderno de campo, p. 1, 2013)

Ao ler esse trecho do caderno de campo, torna-se possível refletir sobre a importância da instituição escolar e dos sujeitos responsáveis por essa instituição para o desenvolvimento de uma comunidade. A Escola Estadual Princesa Isabel localiza-se no bairro Aparecida, ao lado da Vila Sumaré e 90% das crianças que estudam na Escola são da Comunidade Vila Sumaré. Sendo assim, para um contato inicial, o primeiro espaço pensado foi a Escola, devido ao fato da mesma apresentar uma organização estrutural e pedagógica que permite o diálogo e a troca de informações a respeito da comunidade.

No entanto, deve-se refletir sobre o papel da instituição escolar em comunidades de baixa renda e o que realmente tem sido feito em prol das crianças e famílias do seu entorno. Aliás, tendo em vista as limitações espaciais das aglomerações periféricas para o tempo de lazer das crianças, a Escola deveria representar uma possibilidade de estímulo à apropriação e vivência de conteúdos culturais do lazer. De fato, essa não foi a realidade encontrada na Escola Estadual Princesa Isabel, a qual não tem estado aberta aos finais de semana e nem apresentado projetos e ações que busquem estimular a vivência dos variados conteúdos do lazer pelas crianças. Isso foi facilmente identificado através da entrevista com o Diretor da Escola:

Perguntei se ele acha que a Escola pode contribuir de alguma forma para potencializar as vivências de lazer das crianças. Ele disse que com certeza. Ele falou que desde quando entrou na Escola para lecionar, enxergou a fragilidade da comunidade no que diz respeito às possibilidades das crianças de se envolverem em atividades esportivas e culturais. Por isso hoje está na diretoria e já conseguiu muitos avanços em relação ao que era antes. Ele falou que já treinou equipes esportivas no colégio para participarem de campeonatos esportivos escolares, assim como já realizou alguns projetos esportivos com alguns alunos. Mas ele disse que,

atualmente, esses projetos não estão acontecendo, pois estão faltando profissionais da área na escola. Perguntei para ele se a escola tem algum projeto aos finais de semana para a comunidade, no sentido de ficar aberta à comunidade e estimular a vivência do lazer pelas crianças. Ele falou que existe um programa do Estado, o "Mila Viva", que tem a ideia de abrir a escola aos finais de semana. No entanto, atualmente eles não têm monitores para ficarem na escola e esses projetos não estão acontecendo. (Caderno de campo, p 17-18, 2013)

O que pude evidenciar através dessa entrevista, foi uma carência de investimentos por parte da gestão pública municipal e estadual em capacitações que incentivem a realização de projetos aos finais de semana que tenham como foco o lazer da comunidade em questão, pois esse tempo representa uma possibilidade de formação educacional e social para os cidadãos, principalmente quando consideramos que não há ou há poucos espaços na comunidade que permitem essas ações. Além disso, foi perceptível, através da fala do Diretor da Escola, o qual é graduado em Educação Física pela UFMG, a visão restritiva do mesmo em relação ao lazer, que atrelou os projetos nesse âmbito quase sempre às práticas esportivas.

Melo (2009) nos chama a atenção para os riscos dos projetos de ocupação de tempo livre existentes em comunidades de baixa renda. Ele nos leva a refletir sobre como os nossos projetos vão estabelecer relações com a escola e/ou com outras instâncias formais de educação, sem submetê-los à lógica desses espaços e reproduzir a dinâmica de trabalho comumente implementada. Ele também nos provoca a pensar os reais objetivos desses projetos, criticando falas comumente utilizadas como "esse projeto quer impedir as crianças de se envolverem com drogas". Por fim, Melo nos alerta ao fato de que os projetos nessas instituições devem claramente perspectivar duas naturezas de intervenção: a educação pelo tempo livre e a educação para o tempo livre. (MELO, p 37, 2013). A primeira considera o fato de a intervenção possibilitar o trabalho com dimensões que contribuam para a melhor qualidade de vida e a tomada de consciência da população envolvida. A segunda significa contribuir para que os envolvidos ampliem e descubram novas formas de ocupação do seu tempo fora do trabalho e das obrigações diversas.

Nas conversas iniciais, Ronaldo falou muito sobre a violência e utilização de drogas dentro da comunidade. Talvez de forma muito generalista, Ronaldo falou que grande parte dos alunos que estudam na escola tem algum envolvimento com drogas e são violentos. Sendo assim, acontecem muitas brigas no dia-a-dia escolar, comportamentos indisciplinados, violação às regras, agressão ao patrimônio físico da escola, entre outros. Como

exemplo, no dia em que cheguei à escola para conversar com o Ronaldo, ainda no lado de fora, vi dois alunos pulando o muro. Logo em seguida, quando entrei, três alunos quebraram o cadeado do portão e fugiram da escola. (Caderno de campo, p 1, 2013)

Acredito ser importante ressaltar o fato do Diretor da Escola colocar, repetidamente, como um grande problema da comunidade, a violência e o tráfico de drogas. Em alguns momentos ele justificou a ausência de projetos conjuntos com a comunidade devido a esse fato. A respeito disso, Adorno (2002) aponta que a desigualdade de direitos e de acesso à justiça tornou-se mais grave na medida em que a sociedade tornou-se mais complexa. Com isso, os conflitos sociais tornaram-se mais acentuados e a sociedade brasileira vem conhecendo crescimento das taxas de violências nas suas mais variadas modalidades: crime comum, violência fatal conectada com o crime organizado, graves violações de direitos humanos, explosão de conflitos nas relações pessoais e, em especial, a emergência do narcotráfico, que promove a desorganização das formas tradicionais de sociabilidade entre as classes populares urbanas, estimulando o medo e enfraquecendo a capacidade do poder público em aplicar lei e ordem.

Levando em consideração que a Escola, atualmente, apresenta-se como uma possibilidade de lazer das crianças, mas não vem sendo utilizada pela carência de projetos e ações nesse âmbito, entrevistei alguns líderes comunitários da Vila Sumaré, os quais contribuíram para um maior conhecimento espacial e social da comunidade.

Após pegar o contato dos líderes comunitários, entrei em contato com o Fernando, diretor de relações juvenis da Associação de Moradores. O Fernando, desde a nossa primeira conversa, mostrou-se disposto a me apresentar os espaços da comunidade, assim como a responder questões referentes à mesma. Por isso, optei por ligar para ele primeiro. Liguei para o Fernando e marquei um encontro com ele na comunidade dia 23 de março de 2013, sábado. Nesse dia não estaria acontecendo nenhum evento na comunidade e eu poderia então conhecer os espaços da mesma. Eu diria que esse dia foi o mais importante da minha pesquisa. Nele, consegui conhecer todos os espaços da comunidade, assim como analisar as pessoas que eu encontrava ao longo do caminho e os usos que elas estavam fazendo do espaço. Nossa caminhada pela comunidade teve a duração de 3h. (Caderno de campo, p 4, 2013)

Sendo assim, nessa visita de campo feita com o acompanhamento do Diretor de Relações Juvenis da Associação de Moradores da Vila Sumaré, pude mapear os espaços existentes na comunidade que possibilitam a vivência do lazer pelas crianças da comunidade. Os espaços identificados foram: as casas, as ruas, os

becos, as praças abandonadas e o campo abandonado. Desses espaços, nem todos se encontram, atualmente, em condições de uso, mas podem ser considerados como possibilidades, na medida em que houver alguma revitalização.

À medida que íamos caminhando, o Fernando ia comentando sobre os espaços. Logo no início, ele me explicou que a rua onde ocorreu o evento Praça da Cidadania, a rua da creche, era um beco. Ela foi alargada e desde então é a rua utilizada para todos os eventos da comunidade, pois é a maior e mais central delas. Com isso, ele foi me explicando que as maiores demandas da comunidade tem relação com o alargamento de ruas. (Caderno de campo, p 4, 2013)

Um ponto interessante diz respeito ao alargamento de ruas em comunidades de alto risco social, que se caracterizam por depósitos de habitações. Esses depósitos de habitações constituem entre eles pequenos locais de passagem, os chamados becos. Segundo o Fernando, as maiores conquistas da comunidade dizem respeito ao alargamento desses becos, transformando-os em ruas. O fato de se alargar um beco e transformá-lo em uma rua concede à comunidade uma maior organização estrutural, assim como possibilidades de construções comerciais, passagens de veículos automotivos, entre outros. Isso é fundamental para compreendermos o porquê do direito social *lazer+ser*, muitas vezes, desvalorizado pelos próprios membros das comunidades periféricas, aliás, eles ainda estão lutando por aspectos primários de organização espacial.

Isso também nos permite pensar na relação existente entre trabalho e lazer. Baseado em Oliveira (2006), o sistema urbano-industrial vem trazendo para as práticas trabalhistas, cada vez mais, o sentido de que tempo é dinheiro. A industrialização crescente e os aspectos da produção geram, progressivamente, uma sociedade que ressalta como representação maior da vida o *trabalho*, e inibe o *lúdico* como direito à felicidade, sustentando um discurso de atrelamento entre a felicidade almejada e o aumento de produção.+(OLIVEIRA, 2006).

De fato, as ruas da comunidade, que passaram por um processo de alargamento, são os espaços mais movimentados, pois permitem maior circulação de pessoas. Com isso, foi possível observar que em quase todas as ruas alargadas havia algum pequeno estabelecimento, como um bar. Esse pequeno estabelecimento movimenta a população, convidando-a para o encontro, a conversa e o diálogo. Isso faz com que esse local seja mais utilizado e apropriado pelas

peças, de forma que ele fique menos vulnerável a atentados violentos e organizações criminais.

Foi a partir desses alargamentos que surgiram algumas lojas (padaria, mercearia, lanchonete), igrejas, lan house, entre outros. Além disso, segundo o Fernando, as ruas possibilitam também maior realização de brincadeiras, pois os becos são muito apertados e perigosos. (Caderno de campo, p 5, 2013)

Apesar das crianças optarem por locais maiores para realizar as suas brincadeiras e atividades em seu tempo de lazer, nem sempre elas podem deslocar-se para os mesmos, devido a questões de distância dos seus lares. Sendo assim, os becos e as ruas constituem-se como os principais espaços utilizados pelas crianças da Vila Sumaré. Esses são espaços não específicos de lazer e, por meio de sua utilização e apropriação, transformam-se em possibilidades para a vivência do lazer.

Ele me mostrou também os becos e à medida que passávamos pelos becos eu observava o que as crianças estavam fazendo e onde elas estavam. Muitas crianças estavam na porta de casa brincando com algum brinquedo, outras vendo televisão, outras sentadas perto dos pais.

A respeito das práticas comumente realizadas pelas crianças, torna-se possível refletir sobre as diferentes crianças existentes dentro de uma mesma comunidade e sua relação com os espaços. A partir das observações, percebi que as meninas encontram-se mais dentro de suas casas, nas portas, e quando estão nas ruas os seus pais ou responsáveis as acompanham. Em contrapartida, os meninos apresentam maior liberdade e utilizam os becos e as ruas com mais frequência.

De fato, o futebol é muito presente na Vila Sumaré. Nesse dia, passei por algumas ruas e becos da Vila e vi vários grupos de meninos brincando de futebol de maneiras diferentes. Primeiro, vi dois meninos brincando de chute ao gol em um beco e morro. A diversão da brincadeira era conseguir chutar a bola de baixo do morro para cima. Logo depois, em um espaço redondo entre dois becos, havia um grupo de seis meninos, em roda, brincando de peruzinho. Mais à frente, em uma rua em frente às suas casas, havia um grupo de meninos brincando de derruba-lata, chutando uma bola de futebol. (Caderno de campo, p 8, 2013)

Através do relato acima, percebe-se o quanto o futebol está presente no dia-a-dia dos meninos da comunidade, evidenciando o fato do mesmo caracterizar-se como uma prática nacional amplamente divulgada pela mídia e enraizada na cultura brasileira. Aproveito esse momento para citar um projeto social da Associação de Moradores da Sumaré, que é a Escolinha de Futebol. Esse projeto existe na comunidade há muitos anos e sobrevive por meio do trabalho voluntário de

membros da comunidade e doações e patrocínio de empresas privadas. Segundo o responsável pelo projeto, o objetivo do mesmo é resgatar a cidadania dos meninos, incentivando-os a realizar uma prática esportiva e conviver coletivamente. Esse projeto é o único projeto voltado para crianças existente na Vila Sumaré. Melo (2009) nos chama atenção para a existência de propostas que creem que vão conseguir incluir os indivíduos tendo em vista uma possibilidade bastante limitada e polêmica de inserção profissional (MELO, p 31, 2009). Ele exemplifica isso citando algumas escolinhas de futebol que julgam que sua grande contribuição é oferecer possibilidades para que alguns de seus alunos tornem-se atletas profissionais de grandes clubes, ganhando altos salários, cujos maiores exemplos são os astros globais desse esporte (Neimar, Ronaldinho, etc), e a maior parte deles, inclusive, é oriunda das camadas populares.

Dia 27 de abril de 2013, fui ao encontro do Tita, presidente da Associação de Moradores, em uma quadra de areia do Bairro Aparecida, na qual estava acontecendo um dia de jogos de futebol de areia para os meninos da escolinha da associação. O Tita e o Fernando organizaram tudo. Nesse evento, aproveitei para conversar com alguns dos meninos. Eles estavam me contando que adoram jogar futebol e brincam muito nas ruas e becos da Sumaré. O Fernando e o Tita me explicaram que alguns meninos não têm mais pais e vivem com os avós e/ou tios. Um momento que me marcou muito foi quando um menino falou com o Tita: *“papai+e deu um abraço forte nele. Eu perguntei para ele: ele é o seu filho? E o Tita falou: “Não, só do coração! Né Srek (apelido do menino)?”+Logo depois o Tita me explicou que o pai desse menino era chefe do tráfico da Sumaré e foi assassinado e a mãe atualmente vive nas drogas e se prostitui. Ele vive com o avô paterno, o qual cuida dele com muito carinho. A partir daí, o Tita começou a me contar algumas histórias dos meninos. Acompanhei o evento, conversei com os meninos e conversei também com o dono do espaço. Ele me falou que o espaço tem a finalidade de prática de jogos e campeonatos de futebol de areia e é privado, sendo que o valor cobrado para utilização do mesmo é R\$45,00/hora na parte da manhã e tarde e R\$50,00/hora na parte da noite, sendo que a para a escolinha da Vila Sumaré, que é um projeto social, ele cobra apenas R\$100,00 de 09h às 12h00. (Caderno de campo, p 13-14, 2013)*

Esse trecho do caderno de campo contém muitas informações e nos permite fazer duas reflexões fundamentais. A primeira dela diz respeito à importância da Escolinha de Futebol para os meninos que participam da mesma. Esse dia de jogos na quadra de areia me marcou muito, pois consegui ver a alegria dos meninos em estarem juntos, em um mesmo espaço, fazendo uma das coisas que eles mais gostam: jogando futebol. Não havia premiação, não havia exigência técnica e tática, era apenas um sábado de jogos, com um lanche inicial e final para acompanhar o

momento. A segunda reflexão diz respeito ao espaço utilizado para o evento: uma quadra de areia privada, no bairro Aparecida, ao lado da Vila Sumaré. O Tita e o Fernando juntaram dinheiro com alguns membros da comunidade e conseguiram pagar o valor de R\$100,00 para locação da quadra, assim como oferecer um lanche inicial e final para cada criança. Esse esforço foi totalmente voluntário.

Melo (2009) nos alerta para uma pergunta que devemos fazer: quem deve ser o responsável por organizar projetos de esporte e lazer? Pode-se perceber um envolvimento majoritário de Organizações Não-Governamentais na condução e liderança dessas propostas+ (MELO, 2009, p.39). De acordo com ele, de um lado, isso é interessante, pois se pode observar que organizações diversas da sociedade civil tem tomado para si a responsabilidade de desempenharem funções de contribuição social. Já de outro, isso também é fruto da ausência do Estado, algo crescente nas últimas décadas, no cenário de fortalecimento mundial das estratégias neoliberais. Isso ficou mais evidente quando perguntei ao Tita se a Prefeitura já contribuiu de alguma forma com esse projeto e ele afirmou que não houve nenhuma contribuição até o presente momento.

Aproveito essa reflexão, para voltar aos espaços físicos encontrados na Vila Sumaré.

O primeiro espaço que o Fernando me apresentou foi uma ~~pracinha~~ abandonada+, a qual chamarei de PRAÇA 1. Essa praça é muito pequena e na verdade é um espaço acimentado e aberto, sem nenhum equipamento específico. Segundo o Fernando, esse espaço foi criado após acontecer o alargamento de uma rua próxima. As casas foram realocadas e esse espaço sobrou. Sendo assim, foi feita a PRAÇA 1. Mas segundo o Fernando, ninguém a utiliza. Afinal, a praça estava com lixos e entulhos. O Fernando falou que a Associação teve uma conversa sobre essas praças abandonadas. Ele disse que um moço que mora perto dela, pai de um menino que joga futebol no projeto da associação, disse que iria cuidar dessa praça quando ela fosse revitalizada. E segundo o Fernando a praça será revitalizada. Mas ele disse que não dá para depender disso. Nesse momento, perguntei para ele se ele achava possível ser feito algo nessa praça para que ela possa ser utilizada pelas crianças e ele disse que sim. Ele disse que falta manutenção e segurança. Porque a praça é próxima às bocas de fumo e as crianças têm que ter cuidado. Além disso, ele falou que o espaço é muito pequeno e que as crianças precisam de espaços maiores. No momento em que passamos pela praça não havia ninguém por perto. A praça realmente deu a impressão de ser abandonada, não utilizada, praticamente um ~~de~~ depósito de lixos+. O segundo espaço que ele me mostrou foi uma ~~pracinha~~+, a qual chamarei de PRAÇA 2. Essa praça também é muito pequena e é um local acimentado e aberto. A diferença é que há uma

pista de skate pequena na praça. Segundo o Fernando, essa pracinha já é mais utilizada pelas crianças, mas também não é cuidada por ninguém e até hoje não houve nenhuma revitalização da mesma. É um espaço que sobrou depois do alargamento de outra rua e foi aproveitado para isso. Não há segurança nem manutenção. Simplesmente existe e de vez em quando as crianças utilizam o espaço para brincar. Nesse momento, o Fernando falou que antigamente ele via as crianças brincando mais. Atualmente, ele quase não as vê brincando. Ele acha que é por causa da violência. Os pais não querem as deixar brincarem em qualquer lugar. %Está cada vez mais perigoso+(fala do Fernando que me lembro). O terceiro espaço que ele me mostrou foi outra pracinha, a qual chamarei de PRAÇA 3. Essa pracinha já era maior. Um espaço grande, aberto e acimentado, no meio do caminho. Ou seja, essa pracinha foi transformada em um local de passagem. O Fernando disse que ela nem parece uma pracinha e que ela também é fruto de um alargamento de rua. Mas ninguém considera o espaço como uma praça. Na verdade, segundo o Fernando, %não há uma praça mesmo na comunidade+. Ele falou que a comunidade precisa de uma praça, um local grande, com equipamentos, segurança, manutenção. (Caderno de campo, p 5, 2013)

A partir do exposto acima, percebe-se que na Vila Sumaré existem locais que possibilitam a construção de equipamentos específicos de lazer, no entanto, devido à ausência de investimento para tal, esses encontram-se abandonados e são utilizados para diferentes atividades, inclusive como depósitos de lixos. É importante ressaltar que todas as três praças existentes caracterizam-se como sobras de obras de infraestrutura básica e por isso são muito pequenas. Segundo o Fernando, nunca houve ações nessas praças e elas foram construídas simplesmente por terem sobrado espaços após o alargamento das ruas. Sendo assim, a Vila Sumaré não possui equipamentos específicos de lazer e existe uma demanda muito grande para que as praças abandonadas e o campão sejam revitalizados e mantidos. Isso fica em evidência quando observei as pessoas (crianças, jovens, adultos e idosos) conversando e brincando nas ruas e becos, colocando cadeiras para fora de casa e se apropriando do espaço existente à sua maneira. De fato, a construção de uma praça grande, iluminada e com equipamentos específicos, seria uma grande conquista para a comunidade, tendo em vista que as pessoas necessitam de locais maiores e mais amplos, que permitam a realização de distintas atividades e o encontro com outros sujeitos.

Na comunidade Vila Sumaré, e acredito que na maioria das periferias urbanas e bairros menores das grandes metrópoles, é possível identificar a vida de bairro, de espaço de comunicação, de brincadeiras e de lugar de encontro. As pessoas se

reconhecem como pertencentes à mesma comunidade e dialogam entre si, cotidianamente. As ruas, nessas comunidades, ainda apresentam-se como um convite à apropriação e à permanência. Esse fato não exclui a forte violência instaurada nesses espaços e o perigo que as pessoas vivenciam dia-a-dia à medida que estão próximas do tráfico de drogas e das relações de criminalidade. Em relação à presença das crianças nas ruas, Gomes e Soares (2008) destacam que

A rua torna-se palco do desenvolvimento de jogos e brincadeiras coletivas, expressão de uma cultura geracional específica. Nesse sentido, assume um significado de iniciação na vida social. Afirma-se também como espaço de transição entre a esfera privada doméstica, expressa na casa, e a cidade mais ampla, esfera pública por excelência. [...] No exercício de uma sociabilidade centrada nos grupos de pares, a criança busca significar a ordem social adulta, por meio do brincar, experimentando relações de dominação, autoridade, transgressão [...]. (p.56)

Nesse sentido, as casas também se apresentam como espaços utilizados pelas crianças em seus momentos de lazer. Destaco como espaço muito utilizado nas casas das periferias urbanas, as lajes.

Ao final da nossa caminhada, o Fernando me apresentou a sua casa. Ele me mostrou a LAJE da casa. Subi na laje e da mesma pude ver toda a comunidade. Através dessa visão, ele me mostrou todos os espaços que visitamos. Ele disse que mora nessa casa desde criança e que já brincou muito na laje. Disse que os filhos dele brincam de soltar papagaio na laje e eles adoram ir lá para cima conversar.

As casas representam significativos espaços utilizados para a vivência do lazer das crianças na Vila Sumaré. Segundo o Fernando, as crianças ficam muito dentro de suas casas, assistindo televisão, brincando com os irmãos e vizinhos e ajudando os pais no que for necessário. Apresento abaixo algumas informações importantes conseguidas através da entrevista realizada com o coordenador da Creche Vila Sumaré, o Bida.

Comecei perguntando ao Bida quais espaços de lazer existem na comunidade e quais deles são destinados ao lazer das crianças. Ele começou falando que não existem espaços de lazer para as crianças na comunidade. Ele falou que os poucos espaços existentes não são cuidados e não dão as condições necessárias para as crianças realizarem as suas atividades e brincadeiras. Logo em seguida, ele falou que existia o campão, que era muito utilizado, mas atualmente o mesmo está sem condições de utilização. Ele falou que recentemente foi aprovado no Orçamento Participativo de 2012 uma área de lazer para a comunidade, no entanto, a comunidade reivindicou e optou por construir uma UMEI no lugar da área de lazer. Ou seja, a comunidade teve o direito de escolher entre uma área de

lazer, que teria quadra, parque, aparelhos, entre outros ou uma UMEI para crianças e a comunidade optou pela UMEI. Ele lembrou que nunca teve área de lazer na comunidade e que eles sempre utilizaram as ruas, becos e o campão, que não existe mais. Ele falou que antigamente eles também conseguiam ir a outros bairros e vilas próximos para brincar, mas que atualmente não tem jeito de fazer isso, pois a população das vilas e bairros tem aumentado muito e a violência aumenta junto com isso. [...] perguntei ao Bida o que ele acha ser possível ser feito para potencializar a vivência de lazer das crianças da comunidade. Nesse momento, ele começou a falar de todas as conquistas da comunidade nos orçamentos participativos. Então ele citou os alargamentos das ruas, a UMEI e citou também o CRAS. Ele falou que o CRAS irá ajudar muito a comunidade e principalmente essa questão do lazer das crianças, pois ele irá realizar ações e criar um espaço de lazer dentro da comunidade.

O Bida é um dos maiores líderes comunitários da Vila Sumaré e está à frente das lutas sociais em prol da comunidade. Através da entrevista realizada com ele, pude compreender o campão abandonado da comunidade. O campão fez parte da infância do Bida e outros líderes da comunidade e, ao longo dos anos, foi sendo abandonado. Atualmente, encontra-se em estado de precária qualidade e o seu espaço está tomado por lixos e entulhos. Através dos relatos colhidos, torna-se possível concluir o quanto o campão marcou a infância dos que hoje já são adultos. Em contrapartida, as crianças que hoje moram na Sumaré não conhecem a experiência de se apropriarem desse espaço.

Além disso, o Bida ressalta uma importante conquista da Vila Sumaré no Orçamento Participativo, o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). O CRAS será implantado no final do ano de 2013 e terá a responsabilidade de organizar a comunidade, através de projetos e oficinas que envolvam os diversos públicos da mesma. Sendo assim, ele poderá contribuir com a vivência de lazer das crianças da comunidade, estabelecendo relações com os espaços.

Apresento abaixo uma parte da conversa realizada com o representante da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), o qual é o coordenador do Orçamento Participativo (O.P) da Regional Noroeste:

O coordenador do O.P me explicou o processo realizado no Orçamento Participativo, o qual existe desde 1993. O O.P surgiu com o objetivo de priorizar as aberturas de vias, assim como pela necessidade de habitação. O processo do O.P é complexo e parte de um Plano Global. Esse Plano Global só existe em Belo Horizonte e representa um grande avanço administrativo e político. Sendo assim, foi realizado na Comunidade Vila Sumaré o Plano Global Específico, o qual é feito a partir de um RAIO X+de

toda a Vila. Nesse Raio X torna-se possível visualizar todos os espaços da vila detalhadamente. A partir do Raio X, é realizado o Plano. Nesse Plano constam as construções e reformas possíveis a partir das demandas da Vila. Com isso, a comunidade pode buscar o que ela julgar mais necessário no Orçamento Participativo. Recentemente, a comunidade conquistou uma UMEI, a urbanização da Rua Ipanema (na qual será construída uma praça com aparelhos de ginástica e alguns equipamentos), a urbanização da Rua Santa Francisca e o CRAS. Essas conquistas são fruto do O.P de 2013 e serão implantadas até 2014. No Raio X, muitos outros projetos estão constados. O principal deles é o Programa BH Cidadania, que está previsto no Raio X. No entanto, o Néhm explicou que o programa ainda não foi aprovado no O.P, pois é muito caro. E está previsto para 2016. O Néhm disse também que a Comunidade Vila Sumaré tem se destacado nas assembleias dos O.P e além de conquistas muitas coisas para a comunidade também estão ajudando outras comunidades.

O diálogo com o coordenador do O.P foi fundamental para a pesquisa, no sentido de identificar exatamente quais são as conquistas da comunidade e o quanto elas tem relação com a mobilização política da Associação de Moradores. Sendo assim, a Vila Sumaré conquistou, além do CRAS, a urbanização de duas ruas, Ipanema e Santa Francisca. A urbanização dessas ruas significa o alargamento, ampliação e revitalização das mesmas. Na Rua Ipanema será feita uma área de lazer, que contará com equipamentos de ginástica. Essa área de lazer apresenta um avanço para a comunidade, desde que haja um incentivo à sua utilização. Por fim, ainda conversamos sobre o Programa BH Cidadania, que está nos planos para ser implantado em 2016 e contará com uma área de lazer com quadras e outros espaços. No plano global específico, essa área de lazer será construída onde hoje se encontra o campo abandonado. Todas essas futuras obras poderão colaborar, abundantemente, para a comunidade, mas isso vai depender do seu andamento e dos projetos que serão realizados em prol da sua utilização.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração os objetivos desse estudo, torna-se possível concluir que o trabalho atingiu os seus objetivos, na medida em que conseguiu verificar os espaços existentes na Comunidade Vila Sumaré que podem ser utilizados pelas crianças em seus momentos de lazer, refletir sobre os usos que as crianças fazem desses espaços e problematizar os espaços existentes e sua relação com as políticas sociais estabelecidas na comunidade, utilizando como base literaturas acadêmicas voltadas para as temáticas: lazer, periferia e espaços.

De fato, esse trabalho apresenta os seus limites acadêmicos, devido ao tempo dedicado para o mesmo e às escolhas metodológicas, que influem diretamente no percurso a ser seguido. A partir da sua realização, outros questionamentos surgiram e outras possibilidades de estudo aparecem como necessidades, tais como: Como as crianças se apropriam desses espaços? Qual a visão que os líderes comunitários têm em relação ao lazer da comunidade? Como funciona o gerenciamento das políticas públicas voltadas para o lazer das comunidades periféricas?

Por fim, espera-se que esse trabalho contribua para o desenvolvimento de políticas públicas no âmbito do lazer na cidade de Belo Horizonte, considerando o lazer como um direito social presente na Constituição de 1988 e a manutenção, segurança, animação e apropriação dos espaços físicos da cidade como sendo fator determinante para o estímulo às relações públicas entre as crianças da contemporaneidade, inclusive dos bairros periféricos da cidade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, S. Exclusão socioeconômica e violência urbana. **Sociologias**, p. 84-135, Porto Alegre, 2002.

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1998.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: Sesc, 1980.

FRANÇA, Rodrigo. **Diálogos entre oferta e demanda**: uma análise da relação entre o poder público e os grupos de ativismos sociais referentes aos parques da cidade de Curitiba. Dissertação (Mestrado em Educação Física) . Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

GOMES, C. L. **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Lazer, Trabalho e Educação**: relações históricas, questões contemporâneas. 2 ed., Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

JUNIOR, H. F., **São Paulo**: espaços Públicos e Interação Social. São Paulo: Editora Marco Zero, 1995.

MARCELLINO, N. C, ET AL, **Espaços e Equipamentos de lazer em região metropolitana**: o caso da RMC . Região Metropolitana de Campinas. Curitiba, PR: OPUS, 2007.

_____. **Lazer e educação**. Campinas: Papyrus, 1987.

_____. O lazer e os espaços na cidade. In: **Sobre lazer e política**: maneiras de ver, maneiras de fazer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p 65-92.

MARINHO, A.; PIMENTEL, G. G. A. Dos clássicos aos contemporâneos: revendo e conhecendo importantes categorias referentes às teorias do lazer. Capítulo 1. **Teorias do Lazer**. Maringá: Eduem, 2010.

MELO, V. A. **Lazer e Minorias Sociais**. São Paulo: IBRASA (Instituição Brasileira de Difusão Cultural Ltda), 2003.

MONTEIRO, M. B.; Dias, A. G. **Lazer e periferia: um olhar a partir das margens**. Rio de Janeiro: Instituto Usina Social, 2009.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MULLER, A. **Espaços e equipamentos de lazer e recreação e as políticas públicas**. Enarel. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2002.

OLIVEIRA, C. B. Sobre lazer, tempo e trabalho na sociedade de consumo. **Revista Digital**. Buenos Aires, Ano 11, n. 97, 2006.

REQUIXA, R.; **As dimensões do lazer**. São Paulo: SESC/CELAZER, 1969.

SANTINI, R. C. G. **Dimensões do lazer e da recreação**. São Paulo: Angelotti, 1993.

SANTOS, M.; **A urbanização brasileira**. 2 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

_____. **Metamorfose do espaço habitado**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

TSCHOKE, Aline. **Lazer na infância: possibilidades e limites para vivência do lazer em espaços públicos na periferia de Curitiba/Paraná**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná, 2010.

Anexo I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisador responsável:

Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva

Licencianda Carolina Drumond Porto Carreiro Caldas

Fone: (31) 9537-1991

Endereço: Rua São Claret, 409, Bl. 08, Apto. 301

Email: caroldrumond91@yahoo.com.br

Este é um convite especial para você participar voluntariamente do estudo **Í Lazer na Infância: problematizando os espaços da Comunidade Vila Sumaré Ë MG.** Por favor, leia com atenção as informações abaixo antes de dar seu consentimento para participar ou não do estudo. Caso haja qualquer dúvida sobre o estudo, pergunte ao pesquisador que lhe entregou este documento.

• **OBJETIVOS E BENEFÍCIO DO ESTUDO**

Este estudo se propõe a observar como se dá a apropriação cotidiana dos espaços destinados às experiências lúdicas na infância no tempo/espaço de lazer, identificando como se dá a apropriação a partir dos ~~laços~~ laços+ sociais constituídos, apontando quais são as práticas efetivamente vivenciadas nesse ambiente pelas crianças. Este estudo pode contribuir para a efetivação de políticas públicas pensadas para a comunidade como segurança, acessibilidade, manutenção e supervisão dos espaços e equipamentos desses ambientes.

• **PROCEDIMENTOS**

Para efetivarmos o estudo, buscaremos compreender como se deu o processo de concepção e planejamento dos espaços e equipamentos de esporte e lazer para a comunidade Vila Sumaré, como ocorre a apropriação desses ambientes e quais as experiências que envolvem as práticas lúdicas na infância por parte da comunidade. Por meio de observações e entrevistas semiestruturadas.

- **PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA**

A sua participação neste estudo é *voluntária* e você terá plena e total liberdade para desistir do estudo a qualquer momento, sem que isso acarrete em qualquer prejuízo para você.

- **ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS**

Você pode e deve fazer todas as perguntas que julgar necessárias antes de concordar em participar do estudo.

Diante do exposto acima, eu, _____, abaixo assinado, declaro que fui esclarecido(a) sobre os objetivos, procedimentos e benefícios do presente estudo. Concedo meu acordo de participar de livre e espontânea vontade. Foi-me assegurado o direito de abandonar o estudo a qualquer momento, se eu assim o desejar. Declaro também não possuir nenhum grau de dependência profissional ou educacional com os pesquisadores envolvidos nesse projeto (ou seja, os pesquisadores desse projeto não podem me prejudicar de modo algum no trabalho ou nos estudos), não me sentindo pressionado de nenhum modo a participar dessa pesquisa.

Belo Horizonte, ____ de _____ de 20__.

Sujeito _____

Pesquisador(a): Carolina Caldas

RG: _____

RG: _____

Anexo II

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO DOS ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS DE ESPORTE E LAZER

Cidade: _____ **Data:** ___/___/___ (dia da semana)

Contato: pessoa responsável pelas informações. **Função:** cargo ocupado pelo contato.

Espaço: local de observação, ex: ginásio, parque, praça, quadra, etc.

PERFIL

Caráter/ Responsável: público, privado, etc/ estado, município, comunidade, empresa, etc.

Localização: endereço completo (rua, nº, bairro, telefone, etc).

Público que atende: número aproximado de pessoas que utilizam o espaço.

OBJETIVO

Finalidade: para quê foi construído.

() Específico () Não-específico

Função básica:

() Trabalho () Educação () Formal () Religiosa () Viários ()
Cívicos () Domésticos () Naturais () Culturais () Esportivas ()
Recreativas () Turismo () Sociais e associativas () De
expressão física e atlética

HISTÓRICO

Fundação: data de fundação.

Origem: porque ou como foi construído.

ACESSIBILIDADE

Espaço físico: permite cadeirantes ou outro tipo de deficiência.

Valor: valor cobrado para utilização do espaço.

Horário: horário no qual o espaço é disponibilizado ao público (projetos/comunidade).

Tempo: dias em que o espaço é disponibilizado para uso do público.

Diário Fim de semana Férias

DESCRIÇÃO

Área total: quanto mede a área ocupada pelo espaço.

Equipamentos: descrição do espaço, descrição e enumeração dos equipamentos.

Materiais: se existem materiais (bolas, redes, jogos, cordas, etc) disponíveis.

Condições: quais as condições de uso do espaço e dos equipamentos.

Limpeza Segurança Iluminação Manutenção

Banheiros: se existem ou não banheiros no local e quais as condições.

APROPRIAÇÃO

Projetos: se existem e quais são os projetos existentes no espaço (ongs, projetos sociais, escolinhas, recreação, etc).

Faixa etária/ Sexo: qual a faixa etária e o sexo que mais utiliza o espaço.

Outras formas de apropriação: maneiras NÃO pré-determinadas de utilização do espaço e dos equipamentos.

SUGESTÕES (Sugestões para melhoras as condições de uso do espaço e dos equipamentos).

OBSERVAÇÕES (Informações relevantes que não foram contempladas no decorrer do protocolo).

Anexo III

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Nome, função, escolaridade, contato.

QUESTÕES

- 1) Quais os espaços de lazer na sua comunidade?
- 2) Desses espaços, quais são destinados ao lazer das crianças?
- 3) Como esses espaços são apropriados pelas crianças e pela comunidade em geral?
- 4) Quais as ações que são realizadas nesses espaços? Quem são os responsáveis pela realização das mesmas?
- 5) Qual a relação da comunidade com esses espaços em relação à gestão, manutenção e segurança?
- 6) O que você acha ser possível fazer para potencializar a vivência do lazer das crianças nos espaços públicos?
- 7) Outros comentários.

Anexo IV

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA Ë REPRESENTANTE DA SECRETARIA MUNICIPAL DE ESPORTE E LAZER DE BELO HORIZONTE/MG

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Nome, função, escolaridade, contato.

QUESTÕES

- 1) Quais os espaços nessa comunidade são destinados a vivência do lazer?
- 2) Há um modelo único de equipamentos ou há uma diversidade, dependendo da região ou dos anseios de certas comunidades?
- 3) Quanto à gestão administrativa dos parques da cidade, como são desenvolvidas as políticas quanto a:
 - a) Manutenção e limpeza (equipamentos/estrutura); Com que frequência é realizada a manutenção e limpeza dos espaços? Quanto custa para manter um espaço público de esporte e lazer?
 - b) Policiamento/iluminação;
 - c) Acessibilidade;
 - d) Como é a participação comunitária na gestão desses espaços.
- 4) Pensando sobre uma gestão para a apropriação desses espaços, são realizadas intervenções (projetos, eventos) objetivando incentivar a comunidade a apropriar-se desses locais? Se sim, de que forma? Quem é o responsável por seu planejamento e organização?
- 5) Há uma certa preocupação espacial com as diferentes faixas etárias, especialmente no caso das crianças? De que forma está inserida nas questões anteriores?
- 6) Quais espaços você acredita serem destinados a vivência do lazer das crianças na cidade de Belo Horizonte, e especificamente na Vila Sumaré?